

REGISTO DE BATISMO DE AUGUSTO BASTOS – BENGUELA, 1875

FRANCISCO SOARES*

RESUMO

Augusto Bastos é, hoje, intelectual mal conhecido, mas que teve um papel decisivo no panorama cultural e jornalístico de Angola no princípio do século XX. Entre outras informações respeitantes à sua biografia se discutia e se desconhecia, até à descoberta deste documento, a data de nascimento e o exato nome da mãe. O meu objetivo é o de exaurir do documento as informações que ele nos possa facultar, articulando-as com a História da Literatura Angolana e da sociedade envolvente.

PALAVRAS-CHAVE: Augusto Bastos, Angola, África, História literária, século XIX.

ABSTRACT

Augusto Bastos is now an intellectual poorly known, but who played a decisive role in the cultural and journalistic panorama of Angola in the beginning of the twentieth century. Until the discovery of this document, the date of birth and the exact name of the mother were discussed and unknown, among other information concerning her biography. My objective is to exhaust the information that he can give us, articulating them with the History of Angolan Literature and the surrounding society.

KEYWORDS: Augusto Bastos, Angola, África, Literary History, XIX century.

DOCUMENTO E TRANSCRIÇÃO

Descrição do documento:

Registo de Batismo de Augusto Tadeu Pereira Bastos.

Extraído do livro de Registos da Igreja de Nossa Senhora do Pópulo em Benguela. Registos relativos ao ano de 1875.

*Investigador do Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura Espaço e Memória da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (CITCEM). Professor Associado em Literaturas Africanas, com Agregação em Teoria da Literatura, pela Universidade de Évora (em licença sem vencimento). Professor Titular nas Universidades Agostinho Neto, Katyavala Bwila e Independente em Angola. E-mail: samfdv6@gmail.com

Data e local da recolha: Igreja de Nossa Senhora do Pópulo, Benguela, 2010.

João Guetherim Gonçalves
No dia onze de Dezembro de mil oitocentos e
setenta e setenta e cinco, n'esta Igreja de
Nossa Senhora do Pópulo de Benguela,
diocese de Angola e Congo, baptizei
e fiz os Santos Alcos a um individuo
do sexo masculino a quem dei o nome
de Augusto Thadeo, que nasceu no dia
doze de Setembro de mil oitocentos e
setenta e tres, a uma hora da madru-
gada, filho illegitimo de Manoel Thadeo
Pereira Bastos, negociante, natural
de Cabecinas de Bastos, e da pretta Lau-
riana, neto paterno de Antonio Tha-
deo Pereira Bastos, negociante, digo, e

Imagem 1

Pereira Bastos, negociante, natural
de Cabecinas de Bastos, e da pretta Lau-
riana, neto paterno de Antonio Tha-
deo Pereira Bastos, negociante, digo, e
de Maria Theresa Pereira Bastos, na-
tural de Cabecinas de Bastos, igno-
ra-se o nome dos avós maternos;
foram padrinhos de solemnidade
João Augusto da Silva Pereira, nego-
ciante, natural de Povo de Cambiço,
e Marianna Rosa da Silva, natu-
ral de Coanda, de que se fez sete as-
sento, que baptizado, que depois de des-
lido e confesso foi por mim assigna-
do, pelo pai, e pelo padrinho. O bap-
tizado era da cor branca e os pais

Imagem 2

ra-se a nome dos avós maternos;
foram padrinhos de solemnidade
Jozé Augusto da Silva Pereira, nego-
ciante, natural de Povoá de Lanhoso,
e Marianna Clara da Silva, natu-
ral de Loanda, de que se fez este as-
sento, que duplicado, que depois de ser
lido e conferido foi por mim assigna-
do, pelo pae, e pelo padrinho. O Bapti-
zado era da cor parda. A Mãe e
a madrinha não sabiam escrever.
ORA ut supra.

O Parocho Ignacio Castano Couta,
Manoel Thadeo Pereira Bastos,
Jozé Augusto da Silva Pereira.

Imagem 3

Nota: dada a extensão do registo, para que o leitor não tivesse dificuldade em ler, fotografei-o em três partes, iniciando-se cada uma pela repetição do final da anterior.

Transcrição

No dia onze de Dezembro de mil oitocentos e setenta e cinco, n'esta Igreja de Nossa Senhora do Populo de Benguela, diocese d'Angola e Congo, baptisei e puz os Santos Oleos a um individuo do sexo masculino a quem dei o nome de Augusto Thadeo, que nasceo no dia deseseis de Setembro de mil oitocentos setenta e três, a uma hora da madrugada, filho illegitimo de Manoel Thadeo Pereira Bastos, negociante, natural de Cabeceiras de Bastos, e da preta Lauriana, neto paterno de Antonio Thadeo Pereira Bastos, negociante, digo, e de Maria Thereza Pereira Bastos, naturaes de Cabeceiras de Bastos, ingora-se o nome dos avós maternos; foram padrinhos de solemnidade Jozé Augusto da Silva Pereira, negociante, natural de Povoá de Lanhoso, e Marianna Clara da Silva, natural de Loanda, de que se fez este assento, [...] duplicado, que depois de ser lido e conferido foi por mim assignado, pelo pae, e pelo padrinho = O baptizado era da cor parda. A mãe e a madrinha não sabiam escrever



Imagem 4

Igreja de Nossa Senhora do Pópulo, em Benguela. A construção data de 1748 (primeira missa a 1 de novembro), sendo Governador o Capitão de Infantaria Roque Vieira Lima, o qual custeou a construção do templo com todos os materiais e ornamentos importados. Foi feita sobre uma anterior igreja de pau-a-pique, muito elementar, que alguns autores chamaram de capela. O desenho do templo tem afinidades com o de Nossa Senhora da Nazaré, em Luanda, e o de Quelimane, em Moçambique (sendo este posterior aos de Luanda e Benguela). Consta que terá sido construída com as pedras que os navios negreiros traziam, como lastro, do Brasil. A madeira usada no interior veio também do Brasil. A casa referida no texto, onde pude ler os três livros de Registos antigos, é a que está situada à direita, construída provavelmente no fim do século XIX ou princípios do seguinte. A fotografia foi tirada em 2010.

INTRODUÇÃO

Quem foi Augusto Bastos e a sua importância para a História da Literatura Angolana.

Augusto Tadeu Pereira Bastos é hoje mal conhecido, mesmo pelos estudiosos da Literatura e da História de Angola. É facto que, mais importante que a sua literatura, foi a sua intervenção pública numa época de escassa produção local e de recuo político, social e económico dos *filhos da terra*. A literatura que produziu não revela um grande escritor, antes confirma o perfil do investigador racionalista muito sensível ao retrato da sociedade e das culturas étnicas, marcado pelo realismo do fim do século XIX e pelo positivismo.

Ele estava, no entanto, profunda e assumidamente integrado na comunidade literária local (e não só, também na política, tendo chegado a ser o único *filho da terra* e mestiço Presidente de uma Câmara Municipal em Angola na década de 20 do século passado). Alguns sinais das articulações literárias: a frequência contínua de relações pessoais nos círculos de *filhos da terra* (por exemplo, a amizade e companheirismo com António de Assis Júnior e com Geraldo Bessa Victor, assinalada ainda por afinidades eletivas e opções estéticas; as relações importantes (para si) que nomeia na sua disfarçada autobiografia são, quase todas, com outros *naturais*, com destaque para Amílcar Carreira, futuro dirigente e fundador, como A. de Assis Júnior, da Liga Nacional Africana); o reconhecimento do seu nome por essa mesma comunidade, assumido por exemplo em *O angolense* de 1917 (Oliveira, 1997; Lemos, 1969: 127-130); a iniciação literária de Óscar Ribas em Benguela e a influência exercida sobre o autor de *Uanga: feitiço* (pelo estilo, pela pesquisa etnográfica, pelo tipo de autobiografia que fizeram, pela ambiguidade face ao poder colonial – expressa também nas obras, pelo preenchimento da expectativa exótica em simultâneo com o debelar de erros acerca dos respetivos povos e crenças, pela assumida colocação do sujeito da escrita numa fronteira entre semiosferas diversas); a influência classicizante que parece ter exercido sobre Geraldo Bessa Victor.

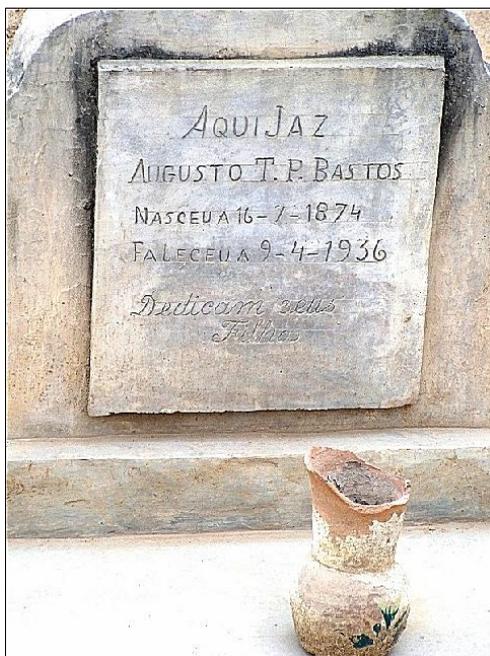
A sua atuação, nesse longo período de recuo da comunidade urbana local, atingia também os periódicos coloniais, de onde lhe veio o convívio com escritores e jornalistas que marcariam a produção literária do sector em toda a primeira metade do século XX – refiro-me a nomes como Ralph Delgado e Adolfo Pina, aquele o grande historiador colonial, este o fundador de *A Província de*

Angola, o principal jornal da colónia no século XX (e onde colaborou também Augusto Bastos).

O seu protagonismo no jornalismo cultural da colónia justifica, só por si, que se investigue a sua biografia – de resto fortemente enlaçada com a obra.

A questão: quando nasceu Augusto Bastos?

Apesar dos dados avançados na disfarçada autobiografia que publicou no jornal *O Lobito* – e que, bem lidos, evitariam confusões – a data de nascimento do autor, a par de alguns outros dados biográficos, não é devidamente conhecida, nem pacífica – repetindo-se erros por cópia simples e sem verificação de fontes. Luís Kandjimbo (Kandjimbo s.d.), na sequência de vários outros e, desde logo, Gastão Vinagre na «Lutuosa» publicada em *O Intransigente* (Vinagre, 1936: 2), nos escreve que ele nasceu a 16-8-1872 (Victor, 1975: 9) e que sua mãe se chamava “Laurinda Rosa”. A campa, simples, no cemitério de Benguela (ao contrário do que já foi veiculado na imprensa recente), indica outra data, a de 16-7-1874:



O facto é estranho, visto que as primeiras biografias do autor, embora curtas, eram bastante completas e feitas por coetâneos, que o conheceram bem, como é o caso de Gastão Vinagre (colega no jornalismo e amigo) e, mais tarde, Geraldo Bessa Victor (seu cunhado). Talvez haja uma razão desconhecida por trás dessas datas alternativas, hipótese que não consigo resolver agora.

Estranhando as divergências entre diversas datações, procurei por Registos antigos da Igreja de Nossa Senhora do Pópulo de Benguela (cidade natal do autor, no litoral-centro de Angola, cuja colonização se iniciou oficialmente em 1617). Tendo-me sido indicada uma pequena casa ao lado da Igreja, lá dentro reparei, pelo canto do olho, que havia três livros, encadernados e destratados, relativos a Registos antigos. Os livros estavam fechados dentro de um dos dois velhos armários que, junto com uma secretária bastante prejudicada pela incúria e uma precária cadeira, constituíam o mobiliário da sala de arquivo, na casinha de adobe e grossas paredes, na esquina do outro lado da rua que rodeia a Igreja. Seguiu-se uma curta série (que tomou vários dias) de danças e contradanças com a moça que tomava conta do arquivo e um jovem sacerdote que morava ao lado, na residência dos padres. Acabei, no entanto, encontrando lá mesmo, na sala onde estavam os livros, um relativamente jovem sacerdote norte-americano, que me foi apresentado por aquela secretária. O sacerdote, falando um português bastante razoável, foi muito correto, mostrou-se mesmo interessado no assunto, e, depois de curtas perguntas, me pôs os três livros de registo na mão, dando indicações para que me deixassem consultá-los à-vontade.

Assim fiz. A sequência era um tanto caótica. Penso que algumas folhas se terão soltado. As datas indicadas pelas fontes consultadas oscilavam entre 1872 e 1874, pelo que procurei, um por um, todos os registos desses dois anos – sem achar nada. Continuei examinando os registos todos dessa década, uma vez que tinha referências ao seu batismo e sabia que, muitas vezes, as crianças não eram logo batizadas. Até que, enfim, encontrei a página acima reproduzida, relativa a um registo que se escreveu no dia 11-12-1875, dois anos após o nascimento do menino.

NOTAS AO DOCUMENTO

1. A primeira frase nos indica uma diferença de cerca de dois anos entre a data de nascimento e a de registo. Isso pode explicar-se por hesitações do pai, visto que se tratava de filho ilegítimo. Porém, como disse, era comum na época os recém-nascidos não serem logo registados e batizados.

2. A diferença pode explicar, ainda, algum erro na datação de nascimento, mas seria estranho estar aqui a datação errada e o próprio pai ter deixado passar isso, tanto quanto o filho ao longo da vida. Havendo erro na datação, por falha de memória (o que também me parece duvidoso, tendo-se passado apenas dois anos) era mais provável que se desse com o dia, eventualmente o mês, do que com o ano. Note-se, no entanto, a precisão: “a uma hora da madrugada”. Continua, portanto, a parecer-me que esta é a data certa para o nascimento de Augusto Bastos: 16.9.1873, na primeira hora desse dia.

3. O “filho ilegítimo” era comum nestes tempos e, pelo que sei, o pai do nosso autor nunca se casou, embora haja notícia de várias filhas suas. Nas narrativas do autor, incluindo na autobiográfica, Augusto Bastos aproveita todas as ocasiões para referir o hábito, ou costume, da terra que consistia em os colonos se ‘amigarem’ (o termo é nosso) com mulher que lhes assegurava o serviço de casa, se tornava amante, mãe e, em casos raros, esposa. Da mesma forma se constituiu (como caso raro, porém, porque se casaram) o par que deu origem a Óscar Ribas, cujo pai (colono) foi Diretor de Fazenda em Benguela e cuja mãe era uma senhora de panos de Luanda, cidade na qual se juntaram e viveram durante largos anos, antes da transferência para Benguela. O facto de Augusto Bastos sempre referir esse costume da terra parece indiciar que sua mãe seria uma espécie de governanta que assegurava o serviço de casa para o pai. Não faz nenhum retrato dela, mas, por essa preocupação em descrever o costume da terra, pode estar a retratar a sua mãe também, sobretudo nesta passagem de *O Sinal da Morte*, segunda estória (ele chama-lhe “episódio”) de *As aventuras policiais do repórter Zimbro*, publicada no *Jornal de Benguela* em folhetim, nos princípios da década de 1930. No n.º 2 do folhetim, escreve:

Um parêntesis, porém, antes de prosseguirmos.

Em 1856, José Maria de Campos ligara à sua vida, como companheira,

segundo o estilo da terra, uma simpática rapariga africana, que lhe foi sempre dedicada e fiel.

Dessa união nasceu, em 1858, uma menina que, dois anos depois, foi batizada na Igreja paroquial de Nossa Senhora do Pópulo, de Benguela,

com o nome de Matilde, tendo sido nesse acto reconhecida por José Maria de Campos como sua filha ilegítima.

Nesses tempos que já lá vão, era vulgar, por assim o permitir a vida desafogada e fácil, de uns, rica, e, mesmo opulenta, de outros, o mandarem educar os seus filhos a Portugal os chefes de família em Angola.

- a. Note-se, nesta passagem, uma série de coincidências com a vida do autor, que teve pelo menos duas irmãs que foram estudar para Lisboa. Tanto quanto Matilde, também Augusto Bastos foi batizado “dois anos depois”, sendo “nesse acto reconhecida” pelo progenitor a paternidade “ilegítima”. E também ele foi realizar em Lisboa o exame do final do ensino primário (que, nessa altura, não estava a ser feito em Benguela) e os estudos secundários.
 - b. O eventual retrato da mãe parece agradável: “uma simpática rapariga africana, que lhe foi sempre dedicada e fiel”. É possível que o escritor nunca se refira a ela por causa da baixa condição, mas – a ser este o retrato de sua mãe – guardou dela uma favorável memória.
4. Como estou a seguir a sequência frásica, passo agora a centrar-me na figura do pai: “Manoel Thadeo Pereira Bastos, negociante, natural de Cabeceiras de Bastos”.
- a. A terra de naturalidade foi comum a muitos colonos em Angola nessa época.
 - b. O percurso do pai até chegar a Benguela, onde se fixou, foi típico do meio do século XIX na colónia. Manuel Tadeu Pereira Bastos emigrou para o Nordeste do Brasil muito novo, de onde veio para Angola com um grupo de colonos que se instalou em “Mossamedes”. Um percurso que, em grande parte, foi seguido pelo pai e pelo tio de Pedro Félix Machado. António Félix Machado, que era natural dos Açores e pai do nosso único poeta parnasiano (Machado 2000), rumou para Angola, segundo o *Diário de Pernambuco* de 12.8.1840, no “Brigue Português Experiência”, junto com outros portugueses e brasileiros e partindo do Recife. Em Luanda se consorciou com uma descendente de famílias com genealogia firmada no meio, D.^a Ana Joaquina do Amaral, depois Machado também, nascida em Luanda. Lá se tornou um comerciante rico e influente, fazendo uma carreira empresarial rápida. No princípio esteve próximo de vários negociantes de escravos (entre os quais o próprio pai de José da Silva Maia Ferreira, o nosso primeiro poeta, um homónimo que faleceu poucos anos depois da vinda de António Félix Machado para Luanda). Continuou a negociar com o Recife e com o Rio de Janeiro. Afastou-se do negócio de escravos depois da abolição do tráfico no Brasil e constituiu uma respeitável rede social e económica na

capital da colónia. O percurso de Manuel Tadeu Pereira Bastos, em parte, foi semelhante, como passamos a ver. Em parte.

- c. Ele assentou praça no exército, junto com pelo menos dois companheiros de viagem, até chegar ao posto de Sargento. Nesse posto se transferiu para o Batalhão de Caçadores de Benguela. Quem chefiava, na altura, o Batalhão, era um militar mítico, o famoso Capitão (mais tarde General) Geraldo António Victor. Para quem não sabe, Geraldo António Victor era mestiço, embora parecesse negro, pois descendia de um casal misto formado por um degredado político italiano com uma filha da terra. Uma curta mas importante série de famílias angolanas descende destes degredados políticos italianos, que se misturaram sempre com filhas da terra. Daí saíram apelidos como “Façonny”, “Romano Amado” e vários outros que, segundo Carmine Cassino, podiam ser oriundos do que hoje é a Itália, ou podiam ser italianos residentes no Rio de Janeiro, visto que, durante a passagem pelo Rio, alguns degredados acabaram ficando lá e entraram outros italianos no barco (Cassino, 2015). O cruzamento biográfico do autor com o futuro General começa aqui, desdobrando-se depois em Lisboa (onde o conheceu pessoalmente) e no próprio facto de se terem misturado ambas as famílias, visto que o nosso autor foi “pai dos bisnetos do General Victor”(Bastos, 1930: 2), portanto cunhado do poeta Geraldo Bessa Victor, que aos dois biografou (Victor, 1970; Victor, 1975).
- d. No ano em que nasceu o nosso escritor, atingia o seu pai o cume da pujança económica. Não querendo seguir mais a carreira militar, empregou-se como guarda-livros (e não só: também mero empregado e gerente) em várias empresas importantes da Benguela do seu tempo. Em 1874, ou 1875, abriu loja própria no centro da cidade, não deixando de manter vínculos laborais com outras empresas. Quando o filho partiu para Lisboa, morreu-lhe uma filha e, pelo desgosto que sentiu, vendeu todos os seus bens na cidade, indo instalar-se numa fazenda que possuía no Luacho (junto ao Dombe Grande, próximo de Benguela, num vale fértil e bem regado), próximo da qual morreu em 1890, “vitimado pela gangrena, que lhe atingiu um braço [...] contando apenas 47 anos” (Bastos, 1930: 2).
- e. A designação da mãe é sumária, como vimos: “e da preta Lauriana”. Como disse atrás, avançou-se também com outro nome. Ignoro, porém, porque Luís Kandjimbo afirma

que a mãe do escritor se chamava “Laurinda Rosa”, visto que ele não indica a fonte e não vi esse nome em nenhum documento, nem nos escritos de Augusto Bastos, onde nunca se dá notícia da mãe.

- f. Ao se nomearem os avós, a seguir aos nomes dos avós paternos ausenta-se o dos maternos: “ingnora-se o nome” deles.
 - i. Breve nota para “ingnora-se”, que é uma pronúncia praticada até hoje em Benguela e Angola, portanto não deve ter sido gralha, simplesmente foi escrito como diziam muitos e a maioria deles era africana.
- g. O nome da madrinha pouco mais esclarece acerca da mãe, nem sabemos se foi por ela escolhida. Mariana Clara da Silva era natural de Luanda. O seu nome indica a provável pertença a uma família mista (culturalmente mista, mas talvez também biologicamente), radicada em Luanda ou que lá estava quando ela nasceu. Digo mista, mas trata-se de suposição, só, sobretudo no que respeita à genealogia. O facto de ser um nome ‘de branco’, ou ‘português’, ou simplesmente ‘cristão’ (cristão-novo?), nos remete para alguma família europeizada, quero dizer, urbanizada e residente na cidade colonial, ou ainda para uma filha de colonos (o que seria raro na época).
- h. O facto de “a mãe e a madrinha” não saberem escrever não deve espantar-nos e não implica uma condição social ‘baixa’. A mãe de José da Silva Maia Ferreira, por exemplo, D.^a Ângela de Medeiros Matoso (depois Maia também), pertencente às mais ilustres e poderosas famílias de Angola (e do Brasil – por via da migração dos Queirós Coutinho e de outros ramos ilustres, como os Andrade Câmara e os Matoso de Andrade), também era analfabeta. O ensino para meninas, em Angola, foi intermitente e escasso, começando no fim do século XVIII mas só se tornando contínuo bem no final do século seguinte. O que o seu analfabetismo pode implicar é que, para além de nascidas, fossem criadas na colónia.
 - i. Há uma diferença pertinente entre a nomeação da mãe e a da madrinha. A mãe só tem nome próprio (no registo, claro), não tem apelido; e é dada como “preta”, simplesmente. Isto é que leva à suspeita de que fosse pessoa de condição muito humilde. A madrinha, pelo contrário, tem apelidos (“Clara” pode ser apelido) e não foi dada como “preta”. Isso não significa ‘ausência de cor’, nem que fosse ‘branca’, mas antes implica a

pertença a um estrato social intermédio ou superior, portanto não-pertença aos estratos mais humildes da população. Os proprietários negros eram, como os mestiços, “africanos” e nunca se designavam como “pretos”. “Pretos” era, portanto, mais um indicativo da pertença de classe que da cor de pele – embora não se usasse a palavra para nomear ‘brancos cafrealizados’, dos quais usualmente se dizia que ‘são como pretos’.

- ii. Pode significar isto que a mãe de Augusto Bastos tivesse alguma relação familiar com a madrinha? Pode, mas não temos qualquer indício mais. Não sabemos quem era a madrinha de Augusto Bastos e, enquanto não soubermos, nada conseguiremos adiantar.
- i. A nota final, extemporânea quase, é uma redundância: “o baptizado era da cor parda”. Sendo a mãe “preta” e o pai natural de Cabeceiras de Basto, era de esperar que o filho saísse “pardo”. O tom de pele que se indicava por esse nome podia variar bastante, tanto quanto os tons de pele dos filhos de um casal misto de branco e de negro podem variar. As combinações possíveis dentro dos casais mistos são tais, segundo a genética, que vão desde o ‘quase-negro’ ou ‘cafuso’ ao ‘quase branco’ ou ‘cabrito’, podendo mesmo haver filhos ‘brancos’ ou ‘negros’ de casais mistos (ou seja: cuja cor de pele coincide em absoluto com a de um só dos progenitores). Isto não teria qualquer importância se não quiséssemos saber quem foi a mãe de Augusto Bastos, a quem ele nunca se refere, melhor dito, que ele nunca retrata diretamente. A anotação “era da cor parda” podia significar que a mãe não fosse totalmente negra? Não é seguro e não adiantaria muito, esse facto, só por si, ao conhecimento da personagem.
- j. Última nota para a referência ao padrinho. Sendo natural de Póvoa de Lanhoso, povoação que fica no caminho entre Cabeceiras de Basto e Braga, ele era também minhoto, como o pai. Os colonos e os emigrados, quando mantêm a sua identidade original e fazem dela questão, preferem ligar-se, por essas e por outras vias, aos seus contrerrâneos e este é o dado que me parece poder-se extrair desta parte do documento. A preocupação do pai em mandar o filho e as filhas estudar para Lisboa se prenderá, também, com a identidade colonial e não somente com a preocupação de lhes trazer *status* futuro.

OBRAS CITADAS

BASTOS, Augusto. Angola de Outros Tempos. *O Lobito*, Lobito, p. 2, ag. e set. de 1930.

CASSINO, Carmine. *Portugal e a Itália: Emigração, Nação E Memória (1800–1832)*. Dissertação (Doutor em História)- Univ. Lisboa. Lisboa, 2015.

KANDJIMBO, L. Augusto Bastos. Arte & Cultura. Disponível em: http://www.nexus.ao/kandjimbo/augusto_tadeu.htm. Acesso em: 9 de jun. de 2018.

LEMOS, Alberto de. *Nótulas Históricas*. Luanda: FTP, 1969.

MACHADO, Pedro Félix. *Sorrisos e Desalentos*. Lisboa: IN-CM, 2000.

OLIVEIRA, Mário António Fernandes de. *A Formação da Literatura Angolana*. Lisboa: IN-CM, 1997.

VICTOR, Geraldo Bessa. *Augusto Bastos*. Lisboa: Autor, 1975.

———. *Quinjangô No Folclore Angolense*. Braga: Pax, 1970.

VINAGRE, Gastão. Lutuosa: Augusto Bastos. *O Intransigente*. Benguela: 15 Abril 1936, p. 3.

Recebido em 10.06.2018

Aprovado em 15.10.2018

